

## Omar Catunda e os debates sobre o ensino secundário de matemática na década de 1940

*Aparecida Rodrigues Silva Duarte<sup>1</sup>*

### Resumo

Apresentamos, neste artigo, um estudo sobre as concepções do professor Omar Catunda (1906-1986) sobre o ensino de matemática, apresentando sua trajetória profissional e os debates sobre o ensino secundário ocorridos na década de 1940. Buscamos, dessa forma, identificar como esse matemático concebia, naquela época, as relações entre matemática e seu ensino. Para tanto, tomamos como base fontes primárias (anuários, revistas) e secundárias, especialmente a obra de Lima (2006).

### Introdução

Esse artigo diz respeito a uma pesquisa desenvolvida no GHEMAT/SP<sup>2</sup>, que teve como objetivo central estudar a dinâmica das relações entre matemáticos e educadores matemáticos, considerando especialmente as décadas 1950-1980, quando é analisada a participação dos matemáticos brasileiros no Movimento Matemática Moderna (MMM). Para este artigo, dedicamos nossa atenção à análise da trajetória profissional do matemático Omar Catunda (1906-1986), enfatizando especificamente sua concepção sobre o ensino de matemática durante as décadas compreendidas entre 1940 e 1960, época em que esse matemático foi chamado a participar dos debates sobre o ensino secundário.

Conforme aponta Michel de Certeau (1982), toda pesquisa histórica articula-se num local de produção sócio-econômica, política e cultural. Sua produção dá-se a

<sup>1</sup> Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS/MG  
Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática no Brasil-GHEMAT/SP  
[angel-bb@uol.com.br](mailto:angel-bb@uol.com.br)

<sup>2</sup> O GHEMAT – Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática no Brasil e é coordenado pelo Prof. Dr. Wagner Rodrigues Valente. O GHEMAT conta com equipes de pesquisa de outras universidades brasileiras, cujo trabalho concentra-se no desenvolvimento de projetos de pesquisa que abrigam pesquisadores de vários níveis, engajados na produção de seus pós-doutoramentos, teses, dissertações e monografias.

partir dos lugares nos quais o esforço para a interpretação da história foi engendrado. Pretendendo construir uma narrativa histórica, assinalamos, a seguir, o ambiente no qual Omar Catunda, estudou e posteriormente exerceu suas atividades de cunho científico e educacional.

Nesse sentido, tomamos como base fontes primárias (anuários, revistas, livros didáticos, jornais) e secundárias, especialmente a obra de Lima (2006), levando em consideração a constatação de Chervel (1990), para quem o historiador, se vê diante de uma documentação que lhe permitirá estabelecer a diferença de uma época para outra. A análise desses documentos permitiu identificar como esse matemático concebia, naquela época, as relações entre matemática e seu ensino.

### **Trajetória científica e educacional de Omar Catunda**

Omar Catunda nasceu em Santos/SP, no dia 23 de setembro de 1906. Filho do médico Thomaz Catunda e de Maria Lúcia Verde Catunda, cursou o Grupo Escolar Cesário Bastos, e, segundo o próprio entrevistado, foi um aluno distraído e displicente. Ao estudar no Liceu Comercial, já aos doze anos, distinguiu-se em Português e Matemática; a seguir, cursou as duas últimas séries da Escola de Comércio José Bonifácio. Em 1922, foi para o Rio de Janeiro, onde se preparou para os exames parcelados do Colégio Pedro II. Os outros exames parcelados foram prestados no Ginásio da Capital do Estado de São Paulo. Sua preparação constou de estudos auto-didáticos, com onze horas diárias, com exceção do Latim. Das matérias estudadas, a que mais lhe agradou foi o estudo da Geometria, tomando como livro-texto a obra "*Geometria Elementar*" de Comberrousse.

Com esse procedimento, obteve o primeiro lugar o exame vestibular da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), em 1925. O primeiro ano do curso de engenharia era chamado Curso Preliminar. Nele, devido ao domínio adquirido sobre a geometria do espaço, não encontrou dificuldades no estudo da Geometria Descritiva. Na disciplina "Complementos de Matemática", teve seus primeiros

contatos com o Cálculo Diferencial Integral ocasião em que travou contato com o professor Theodoro Augusto Ramos, que posteriormente orientou seus estudos superiores em Matemática. Além disso, foi o ganhador do Prêmio Cesário Motta, uma medalha de ouro conferida ao melhor aluno do Curso Preliminar.

Em 1930 formou-se engenheiro e em 1933 candidatou-se à vaga para ocupar a cadeira nº3 “Complementos de Geometria Analítica, Nomografia e Cálculo Diferencial Integral” na Escola Politécnica da USP. José Octávio Monteiro de Camargo (? – 1963) venceu o concurso, assumindo após longa batalha jurídica, assumindo em 1938.

Depois de formado, Catunda foi trabalhar como engenheiro da Prefeitura de Santos, até que foi contratado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (FFCLUSP) como assistente de Luigi Fantappiè na disciplina Análise Matemática.

Nessa época, segundo seu depoimento, dedicou todo seu esforço ao ensino e ao aperfeiçoamento das apostilas de análise, que, após acréscimos e modificações foram publicadas primeiramente sob a forma de fascículos mimeografados, levando o título Curso de Análise Matemática, que permaneceu nas diversas edições que se seguiram. As apostilas foram transformadas em livro, dividido em sete partes, cuja primeira edição deu-se em 1952. A partir de 1962, Catunda modificou esse formato, sintetizando as sete partes em dois volumes. Segundo Catunda, as apostilas de Cálculo e os fascículos do Curso de Análise Matemática tiveram boa aceitação em todo o Brasil, proporcionando-lhe a fama de grande matemático (1985, p.95). Matemáticos como Elza Gomide e Ubiratan D’Ambrosio atestam que o “*Curso de Análise Matemática*” foi o primeiro livro de Análise Moderna escrito por um brasileiro e foi largamente utilizado nas instituições de nível superior brasileiras, por um determinado período (LIMA, 2006).

Orientado por Fantappiè, Omar Catunda iniciou estudos sobre a Teoria dos Funcionais Analíticos e posteriormente, entre 1938 e 1939, realizou estudos pós-

graduados na Universidade de Roma, sobre esse mesmo tema. Retornando ao Brasil, foi nomeado professor interino responsável pela cadeira de Análise Matemática e Superior e nomeado Chefe do Departamento de Matemática da FFCLUSP.

Defendendo a tese “*Sobre os fundamentos da teoria dos funcionais analíticos*”, tornou-se catedrático. As provas do concurso realizaram-se de 25 a 30 de setembro de 1944, sendo a comissão organizadora composta pelos professores Paulo de Menezes Mendes da Rocha e Telêmaco van Langendonck, indicados pelo Conselho Universitário e Carlo Tagliacozzo, Achille Bassi e F. M. de Oliveira Castro, indicados pelo Conselho Técnico-administrativo (ANUÁRIO DA FFCLUSP, 1939-1949, p.383-384).

Em 1946, vai para Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, com bolsa oferecida pela Fundação Rockefeller, participando de diversos cursos, dentre os quais de Emil Artin (1898-1962), N. Cramer, Heinz Hopf (1894-1971) H. Weil, John von Neumann (1903-1957).

Ao aposentar-se, em 1962, parte para morar em Salvador, Bahia, assumindo o cargo de Diretor do Instituto de Matemática e Física da Universidade Federal da Bahia (IMFUFBa) no lugar do matemático Rubens Gouveia Lintz, em setembro de 1963. Continuou exercendo suas funções de professor e diretor do Instituto de Matemática e Física até o ano de 1969.

Aposentou-se compulsoriamente em 1976. Durante o tempo em que militou no ensino e na pesquisa, foi professor de físicos renomados como: Mário Schemberg, Marcelo Damy, Abraão de Moraes, de físicos residentes em Paris: Jean Meyer e Salmeron e de matemáticos como: Carlos de Lyra, Luiz Henrique Jacy Monteiro e Alexandre Rodrigues entre muitos outros.

Omar Catunda faleceu em 11 de agosto de 1986, na cidade de Salvador, Bahia.

## Preocupações com o ensino secundário

Em 1947, depois de finalizar seus estudos na Universidade de Princeton, Catunda retornou a São Paulo. Lá, engajou-se na campanha em defesa do petróleo brasileiro, chegando a ser presidente do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo. Foi também candidato a deputado estadual, apoiado pelos comunistas e petebistas, porém sua candidatura foi impugnada pela justiça eleitoral. Catunda, embora militante, não se filiou ao Partido Comunista Brasileiro. Criticava o governo getulista pelo descaso com a educação da maior parte do povo brasileiro, preocupando-se unicamente com a elite. Para Catunda, o governo havia resolvido “democratizar o ensino secundário, sem perceber [ou fingindo não perceber] que não havia material humano, para fazer essa democratização com a necessária seriedade”. Este seria o motivo pelo qual os estudantes chegavam às universidades sem o devido preparo. Também defendia maiores investimentos nos cursos superiores, de modo que formassem profissionais qualificados para melhorar e ampliar o ensino secundário. (CATUNDA, apud LIMA, 2006, p.39).

O Jornal Diário da Noite, em 07 de maio de 1949, publicava em destaque a matéria “*Não há opiniões divergentes sobre a decadência do ensino*”, cujo título foi extraído de uma expressão utilizada por Catunda durante uma entrevista, constando da referida reportagem: “O fato é que não há uma só opinião divergente sobre a decadência do ensino secundário<sup>3</sup>”.

Antes de abordarmos o motivo pelo qual Catunda proferiu esta declaração, achamos oportuno valer-nos de um “resumo histórico” oferecido pelo professor de matemática e renomado autor de livros didáticos, Ari Quintela, segundo extraído Anais do III Congresso Brasileiro do Ensino de Matemática, em 1959, que nos permitiu compreender as razões pelas quais o ensino secundário virou notícia.

---

<sup>3</sup> Com duração de sete anos, o curso secundário encontrava-se estruturado em dois ciclos: o primeiro, de quatro anos, chamado Ginasial e o segundo, de três anos, subdividido em Clássico e Científico, conforme previsto na Lei Orgânica do Ensino Secundário (Reforma Capanema), homologada em 9 de abril de 1942, pelo Decreto-lei nº 4244 (CHAGAS, 1980, p.115).

Como relatou Ary Quintela, em fins de 1946, os resultados dos concursos de ingresso para a carreira militar, prestados tanto pelos alunos que concluíram os quatro anos do Ginásio e inscreveram-se para ingresso nos cursos prévios das Academias Militares (Escola de Aeronáutica, Escola Naval e Escolas Preparatórias do Exército), quanto pelos que concluíram os três anos do Curso Científico e candidatavam-se ao ingresso no primeiro ano das Escolas Superiores Cíveis e Militares, foram desastrosos. Essa constatação de tal modo empolgou a opinião pública, que foi aberto um debate pela imprensa o qual se denominou “*A decadência do ensino secundário*”. Ainda segundo Quintela (ANAIS 3 CBEM, 1959), longos debates públicos foram realizados. Pelo que podemos inferir, também em 1949, eram destaque nas manchetes de jornais.

Assim, Omar Catunda, como presidente da Sociedade de Matemática de São Paulo e professor de Análise Matemática da FFCLUSP, foi convidado a pronunciar sua opinião acerca das dificuldades pelas quais passava o ensino secundário daquela época, em maio de 1949, no Diário da Noite.

Para Catunda, as principais causas que podiam ser atribuídas à propalada “decadência” do ensino secundário, recaíam sobre o programa exigido, questões burocráticas das autoridades e a falta de preparo dos professores.

Segundo Catunda, as provas do concurso para professores de matemática nas escolas oficiais do Estado sugeriam diversos problemas relacionados com o ensino de Matemática no secundário. Esta constatação levou-o a debater esse assunto em conferência no Instituto de Engenharia, quando foram sugeridas reuniões específicas na Sociedade de Matemática para tratar acerca do reflexo das sucessivas reformas sofridas pelo ensino de Matemática, e ainda, a falta de orientação apresentada pela maioria dos professores.

Essa preocupação já havia sido enunciada pela Sociedade, informou Catunda. Uma das medidas tomadas pela Sociedade foi nomear uma comissão especialmente encarregada de organizar e convocar reuniões para discutir os

problemas do ensino secundário. Participavam dessa comissão, os professores Osvaldo Sangiorgi, Abraão Bloh e Ester Resnik<sup>4</sup>.

A primeira reunião realizou-se no Instituto de Engenharia, quando se discutiu, entre outros assuntos, o rendimento do ensino primário. A maioria dos professores secundários presentes no encontro, julgava que o ensino primário havia decaído nos últimos anos, como podia ser constatado pelos exames de admissão ao ginásio<sup>5</sup>, revelando falta de preparo dos candidatos. Aventou-se que uma das causas desse despreparo estaria no critério utilizado para a remoção de professores para estabelecimentos mais requisitados, tomando como base a porcentagem de alunos aprovados pelo professor, o que levaria as escolas oficiais de ensino primário em facilitar a promoção dos alunos. A matéria jornalística afirmou que os professores presentes ao evento mostraram-se alarmados com a possibilidade de que esse critério de remoção de professores passasse a ser utilizado também no ensino secundário.

Nesse sentido, os professores mostraram-se avessos às alterações no que diziam respeito à remoção, o que nos permite concluir que os professores secundaristas estavam satisfeitos com as normas vigentes relativamente à transferência. Atrelar a remoção do professor às aprovações obtidas por seus alunos, significaria a perda de autoridade? Qual a importância da reprovação para o professor de matemática? Para que o professor primário fosse removido para outra escola, mais requisitada, teria que se sujeitar a aprovar alunos que talvez não estivessem aptos a cursarem a série seguinte, havendo, portanto, um afrouxamento nas avaliações realizadas, acabando por refletir nos exames de admissão ao ginásio. Seria uma forma de o governo minimizar as dificuldades surgidas em relação ao aumento do número de alunos e a escassa quantidade de professores? Tal medida também faria com que houvesse um aumento do número de alunos no

---

<sup>4</sup> Osvaldo Sangiorgi, Abraão Bloh e Ester Resnik foram diplomados pela FFCLUSP nas turmas de matemática de 1941, 1942 e 1947 respectivamente (ANUÁRIO, 1939-1949).

<sup>5</sup> Na década de 1940, após cursarem quatro anos do ensino primário e realizarem o exame de admissão ao ginásio, os alunos garantiam seu ingresso no ensino secundário. (CHAGAS, 1980, p.115).

ensino secundário. Como esse critério poderia agravar ainda mais a situação do ensino secundário, já considerado, naquela época como decadente?

Questões como essas exigiam um estudo acurado, “só possível com um amplo debate sobre o assunto”, alertou Catunda (DIÁRIO DA NOITE, 1949). Apesar das medidas tomadas pela Sociedade para discutir as deficiências do ensino secundário, Catunda observou ser indispensável contar com a participação dos professores nos debates, de maneira que os esforços realizados para melhoria do ensino surtiram efeito, posto que estes estavam mais diretamente em contato com a questão. Além disso, a Sociedade pretendia incrementar publicações sobre o ensino de Matemática em seu Boletim.

Em conseqüência dos debates públicos conduzidos pelos jornais da época, por iniciativa do Ministério da Aeronáutica e apoio do Ministério da Educação, realizou-se em 1951, o primeiro encontro de âmbito nacional entre professores, denominado de “Conferência Nacional de Estudos sobre a Articulação do Ensino Médio e Superior”, sediado pelo Instituto Tecnológico da Aeronáutica, em São José dos Campos/SP (QUINTELA, apud ANAIS 3 CBEM, 1959).

O evento também é noticiado no Anuário de 1951, confirmando que ocorreu entre os dias 14 e 21 de junho daquele ano e visou o encontro de educadores do ensino médio com os de ensino superior, civil e militar, com o intuito de elevar o nível do ensino médio. Segundo a nota, os temas do conclave foram analisados por seis sub-comissões que chegaram a conclusões “verdadeiramente revolucionárias algumas, quer nos métodos, quer na estrutura básica do ensino médio”. A FFCLUSP enviou como representantes os professores Paulo Saraiva de Toledo e Benedito Castrucci, os quais participaram das reuniões sobre o ensino médio de Física e Matemática, respectivamente (ANUÁRIO, 1951, p. 343). Os dados obtidos não nos permitiram averiguar a presença de Catunda nessa conferência.

## O ensino da matemática na escola secundária: tomando ciência e divulgando o Movimento da Matemática Moderna

O primeiro número das “*Notas de Matemática e Física*”, revista elaborada pelos alunos dos cursos de Matemática e Física da FFCLUSP, sob a direção do então aluno da universidade, Ubiratan D’Ambrosio, com a finalidade atender os anseios dos alunos a graduação como também os professores secundários, foi inaugurado com um artigo de Omar Catunda (1953, p.05-10), intitulado “*O ensino da Matemática na escola secundária*”. Nele, o então professor catedrático de Análise Matemática da FFCLUSP, faz um estudo sobre o ensino da Matemática no secundário. Pretendeu contribuir para responder à seguinte questão: Para que serve o ensino de Matemática?

Assim se expressa a esse respeito:

O valor desse estudo reside não na matéria aprendida, mas no hábito adquirido de um processo de raciocínio puro, universal e absoluto; a mente que aprendeu uma vez esse processo de raciocínio, pode esquecer todas as fórmulas, regras e denominações estudadas, mas saberá, diante de um problema ou de uma situação real, discernir as premissas, simplificar ou esquematizar os dados e tirar as conclusões que se impõem, pelo menos em uma primeira aproximação da realidade (CATUNDA, 1953, p. 6).

Defende, como princípio fundamental, um ensino de Matemática todo baseado no raciocínio. Afirma, enfaticamente, que a “Matemática é raciocínio”, ou seja, é o culto ao bom senso, no qual “todo professor dessa matéria deveria ter em mente” (CATUNDA, 1953, p. 6). A adoção e fidelidade a esse princípio evitariam, segundo Catunda, erros comuns que ocorrem nas escolas brasileiras, como o de procurar incutir nos alunos uma variedade de regras e fórmulas sem que os alunos percebam sua razão de ser.

Em seguida, Catunda fez referências ao ensino da Geometria e Álgebra. Indica, para essas áreas, alguns procedimentos desejáveis aos professores e organizadores de programas de Matemática de modo a obter uma melhoria do seu ensino no secundário.

Como se pode observar, o primeiro artigo da revista fez referência justamente ao ensino da Matemática na escola secundária, mostrando uma preocupação por parte de alunos e docentes de nível superior com a melhoria do ensino de Matemática no secundário. Além disso, o professor Catunda, ao propor sugestões nas diversas áreas que compõe a Matemática, pareceu buscar convencer os professores do ensino secundário, a utilizar novos métodos de ensino, de modo a conduzir ao desenvolvimento do raciocínio “puro, universal e absoluto” dos alunos em todas as fases.

A respeitabilidade de Omar Catunda como matemático construída ao longo de sua carreira profissional autorizava-o a opinar sobre o ensino de matemática no secundário, embora a experiência adquirida em sua carreira dissesse respeito à matemática do ensino superior e, quando muito, durante a fase do curso universitário, à preparação ao vestibular dos alunos. No entanto, em que pese a preocupação manifestada em diversas ocasiões com a melhoria do ensino secundário, as idéias aventadas por Catunda até então não levavam em conta os debates internacionais iniciados a partir da década de 1950.

Somente quando começou a tomar conhecimento e a participar dos debates internacionais em prol da inserção da Matemática Moderna é que Omar Catunda procurou efetivamente alterar suas práticas acadêmicas, introduzindo em livros didáticos propostas ensejadas pelo Movimento da Matemática Moderna (MMM).

Nessa época, uma proposta de internacionalização de reformas curriculares estava sendo debatida, de modo que novos métodos de ensino para o secundário ganhariam força a partir dessas discussões internacionais. Matemáticos de todo o mundo foram chamados para elaborar um novo programa de ensino de matemática, com a pretensão de diminuir as diferenças entre o currículo do ensino superior e o currículo escolar.

A primeira Conferência Interamericana de Educação Matemática (I CIAEM), realizada em 1961, na cidade de Bogotá, Colômbia, constituiu-se em fator

determinante para isso. Em 1961, o evento, de caráter internacional, tinha como principal objetivo integrar os países das Américas para discutir assuntos relacionados com o ensino de matemática, em especial, o Movimento da Matemática Moderna, de modo que seus participantes promovessem mudanças curriculares em seus países, aos moldes do que já vinha ocorrendo nos Estados Unidos e Europa.

Para a I CIAEM, o reconhecido matemático Marshall Stone, então Presidente do International Committee of Mathematical Instruction – ICMI, solicitou aos países participantes que se fizessem representar por matemáticos importantes. Diante desse quadro, Omar Catunda<sup>6</sup>, como respeitado matemático da época, apresentou-se como um dos representantes brasileiros naquele evento.

Ao final do evento, várias recomendações foram oferecidas pela CIAEM, dentre elas, que a formação dos professores de ensino médio estivesse a cargo das universidades, sob a influência dos matemáticos mais competentes e que a parte pedagógica se limitasse às suas devidas proporções (RUIZ; BARRANTES, 1997).

Como podemos observar nas recomendações oferecidas pela Conferência, a formação dos professores estaria diretamente vinculada ou sob domínio do que pensavam os matemáticos, aliás, os mais competentes, implicando dizer que toda didática poderia ser utilizada, desde que não comprometesse o rigor matemático. Vê-se, desse modo, a importância dada aos matemáticos e pelos matemáticos no processo de renovação do ensino de matemática.

Essa iniciativa repercutiu em nosso país, favorecendo a busca de respaldo das autoridades matemáticas locais por parte do Movimento.

Assim, na qualidade de renomado matemático, Catunda aderiu ao movimento internacional de renovação do ensino da matemática, caracterizado por uma tendência à forte algebrização em todos os ramos da matemática do secundário. Em 1962, participou do IV Congresso de Ensino da Matemática, realizado em Belém.

---

<sup>6</sup> Juntamente com Omar Catunda, os matemáticos Leopoldo Nachbin e Alfredo Pereira Gomes representaram o Brasil na I CIAEM.

Em seu pronunciamento durante o IV Congresso, defendeu a necessidade de uma simplificação do entendimento sobre os conceitos fundamentais da Matemática, atendo-se especialmente aos conjuntos e estruturas, de modo a garantir a compreensão dos professores do ensino secundário sobre conteúdos de Matemática Moderna.

Posteriormente, a partir de 1964, durante sua gestão no Instituto de Matemática e Física da Universidade Federal da Bahia, Catunda e um grupo de professoras liderado pela professora Martha Maria de Souza Dantas, elaboraram um projeto de livros didáticos de Matemática Moderna, tendo como ambição a modificação dos programas de matemática, incluindo a linguagem dos conjuntos, utilizando-se o método axiomático e o estudo das estruturas, por meio do projeto denominado “*Desenvolvimento de um currículo para o ensino atualizado da matemática*” (DANTAS, 1993).

Para tanto, esforçavam-se por encontrar um consenso geral sobre os conceitos a serem introduzidos, levando em consideração as recomendações de reuniões internacionais e nacionais.

A principal característica dos livros didáticos preparados pela equipe era uma reforma substancial no ensino da Geometria. A redação dos novos textos só foi possível porque contaram com a colaboração de Omar Catunda, “que aceitou, inclusive, a proposta que lhe fizemos de usar, na abordagem da Geometria, as transformações geométricas, recomendação centenária – feita por Felix Klein, no século passado”. Esse depoimento tornou evidente a colaboração de Catunda para a implementação de novos conteúdos e metodologia para o ensino secundário de matemática (DANTAS, 1993, p.23-24).

Assim, o grupo deduziu que o estudo da Geometria, por meio das transformações geométricas, permitiria assentar noções abstratas sobre bases intuitivas mais simples e mais sólidas, facilitando a compreensão e a demonstração de propriedades que as envolvem. Além disso, possibilitaria o desenvolvimento da

imaginação e a criatividade dos alunos. E mais, ao admitir a importância dos conceitos de relação e estrutura para o ensino da matemática, considerados como instrumentos de modernidade, o grupo divisou um motivo a mais para utilizar as transformações geométricas e explorar sua riqueza estrutural.

Dos livros didáticos nos quais Catunda participou como orientador ou como autor, foi possível notar que houve, de sua parte, uma apropriação dos conhecimentos e valores das idéias reformistas, contribuindo para a difusão dos novos assuntos.

### **Considerações finais**

Observa-se, nas décadas de 1940 e 1950, um conflito ditado pela preocupação com a qualidade de ensino, da parte dos professores e as práticas políticas implementadas para a Educação. Harmonizar esses interesses era a grande questão. Vê-se que as discussões sobre o ensino secundário partiam de um meio impregnado por matemáticos, auxiliados por professores prestigiosos, advindos da FFCLUSP. Essas personagens promoviam críticas ao ensino secundário baseadas em suas participações junto às bancas examinadoras de concursos públicos para o cargo de professor, oportunidade em que podiam observar o nível de conhecimento apresentado pelos candidatos. Catunda mostrou-se interessado numa ampla participação de professores secundários nos debates sobre o ensino. A respeitabilidade construída ao longo de sua carreira profissional autorizava-o a opinar sobre o ensino de matemática no secundário.

Entretanto, foi somente após a participação de Catunda na I Conferência Interamericana de Educação Matemática, em Bogotá, ocasião em que Marshall Stone instigou os matemáticos representantes de todos os países para participarem da discussão internacional em andamento sobre a educação matemática, que Catunda efetivamente passou tomar ciência e defender as proposições de reformas e produções do saber didático-pedagógico internacional.

Assim, na década de 1960, por ocasião do Movimento da Matemática Moderna, expressou intenção de revisar os programas do ensino secundário de Matemática, de modo que esse ensino atingisse todos os indivíduos da sociedade brasileira, e, juntamente com docentes do Colégio de Aplicação da Universidade Federal da Bahia, auxiliou na implementação de mudanças rumo à modernização do ensino secundário.

## Referências Bibliográficas

- Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo). São Paulo, 1953, Secção de Publicações da USP, 1939-1949.
- Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo). São Paulo, 1953, Secção de Publicações da USP, 1951.
- CATUNDA, O ensino da matemática na escola secundária. **Revista Notas de Matemática e Física**. São Paulo: FFCLUSP, 1953, p. 5-10.
- \_\_\_\_\_. Depoimento. **Cadernos do IFUFBA**. Salvador, ano I, n.3, p. 87-102, jul., 1985.
- CHAGAS, V. **Educação Brasileira: o ensino de 1º e 2º graus: antes – agora e depois?** 2ª ed., São Paulo: Saraiva, 1980.
- CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In: **Teoria & Educação**, 2, 1990.
- CONGRESSO NACIONAL DE ENSINO DA MATEMÁTICA NO SECUNDÁRIO, 3, 1959, Rio de Janeiro. **Anais 3 CBEM**. CADES/MEC, Rio de Janeiro, 1959.
- DANTAS, Martha Maria de Souza. Uma mestra e sua vida. **Cadernos do IFUFBA**. Salvador, v.. 6, n 1, 2, p. 11-36, out.,1993.
- DE CERTEAU, M. A operação historiográfica. 1974. In: **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; Rio de Janeiro: Forense Universitária, Cap. II, p. 65 – 119, 1982.
- LIMA, Eliene Barbosa. **Dos infinitésimos aos limites: a contribuição de Omar Catunda para a modernização da análise matemática no Brasil**. Dissertação (Mestrado Ensino, Filosofia e História das Ciências) 145f. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2006.
- NÃO há opiniões divergentes sobre a decadência do ensino. Entrevista dada ao Diário da Noite. **Jornal Diário da Noite**. 07 mai. 1949. (APOS, OS.I.2.0151).
- RUIZ, Angel; ABRANTES, Hugo. **Historia de las Conferencias Interamericanas de Educación Matemática**. Academia Colombiana de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales, Colección Enrique Pérez Arbelaez, Bogotá, Colombia, 1997. Disponível em <<http://www.accefyn.org.co/PubliAcad/CIAEM/>> acesso em 25 nov. 2006.